

GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES



ARTIGO

O SOCIODRAMA COMO FERRAMENTA DE AÇÃO PARA A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

*Sociodrama as a tool for education action as a practice of
freedom*

*Le sociodrame comme outil d'action pour l'éducation en tant
que pratique de liberté*

Yandra de Oliveira Firmo

Doutoranda do Programa de Pós Graduação em
Educação da Universidade Federal de Mato Grosso
(UFMT)

E-mail: yandrafirmo@gmail.com

Maria da Anunciação Pinheiro Barros Neta

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de
Campinas (UNICAMP)

Como citar este artigo:

FIRMO, Yandra de Oliveria; BARROS NETA, Maria da Anunciação Pinheiro. O sociodrama como ferramenta de ação para a educação como prática de liberdade. **GEOGRAFIA: Ambiente, Educação e Sociedades – GeoAmbES**, jan./jun. vol. 1, n. 1, p. 90-107, 2019. ISSN 25959026.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/geoambes/index>

Volume 1, número 1 (2019)
ISSN 25959026

O SOCIODRAMA COMO FERRAMENTA DE AÇÃO PARA A EDUCAÇÃO COMO PRÁTICA DE LIBERDADE

Sociodrama as a tool for education action as a practice of freedom

Le sociodrame comme outil d'action pour l'éducation en tant que pratique de liberté

Resumo

Este trabalho tem o objetivo de compreender como o Sociodrama pode contribuir para a formação e preeminência dos vínculos entre os sujeitos na práxis pedagógica no ambiente escolar, favorecendo a convivência, permanência e a aprendizagem de jovens alunos da Educação Básica da Rede Estadual de Ensino. A reflexão se dá a partir da experiência de pesquisa de doutoramento em Educação, por meio da intervenção prática e compreensão bibliográfica, fundamentada em uma educação para a liberdade por meio da Educação como Prática de Liberdade de Paulo Freire e o método do Sociodrama criado por Jacob Levy Moreno. O sociodrama possibilita que o jovem aluno se liberte em um processo permanente de revisão do seu quê-fazer-humano, na sua atitude de inquietação, indignação, e também de esperança perante o mundo.

Palavras-chave: Sociodrama; Educação Básica; Prática de Liberdade.

Abstract

This study has the aim of understanding how the Socio-drama can contribute to the formation and pre-eminence of the links between the subjects in the pedagogical praxis within the school environment, favoring the coexistence, permanence and learning for the young students of Primary education in the State Education Network. This reflection comes from the experience of doctoral research in Education, through the practical intervention and bibliographical understanding, based on an education for freedom through "Education as a Freedom Practice" by Paulo Freire and the Socio-drama method created by Jacob Levy Moreno. Socio-drama enables the young student to free himself in a permanent process of reviewing his human-doing, in his attitude of restlessness, indignation and also of hope facing the world.

Key words: Socio-drama, Primary Education, Practice of Freedom.

Résumé

Ce travail vise à comprendre comment le sociodrame peut contribuer à la formation et prééminence des liens entre les sujets dans la pratique pédagogique dans l'environnement scolaire, favorisant la coexistence, la permanence et l'apprentissage de jeunes étudiants de l'Éducation de Base dans les écoles publiques d'état. La réflexion se produit à partir de l'expérience de recherche doctorale en Éducation, par le biais de l'intervention pratique et de la compréhension bibliographique, basée sur une éducation pour la liberté au moyen de l'Éducation comme la Pratique de Liberté de Paulo Freire et la méthode du Sociodrame créée par Jacob Levy Moreno. Le sociodrame permet au jeune étudiant de se libérer dans un processus permanent de révision de son quoi-faire-humain, dans son attitude d'inquiétude, d'indignation et aussi d'espoir en face du monde.

Mots-clés: Sociodrame, Éducation de base, Pratique de Liberté.

Introdução

Fica proibido o uso da palavra liberdade a qual será suprimida dos dicionários e do pântano enganoso das bocas. A partir deste instante a liberdade será algo vivo e transparente como um fogo ou um rio, e a sua morada será sempre o coração do homem (Thiago de Mello – Os Estatutos do Homem)

A sucessão de acontecimentos conflituosos e coléricos que circundam a prática do vivenciar o cotidiano escolar não deixam dúvidas quanto à necessidade de se trazer essa proposição aos debates da educação em nosso País. Assim, neste trabalho, voltaremos nosso olhar, ainda que de forma breve, mas com particular atenção, para uma escola de educação básica da rede estadual de ensino na região do Araguaia, no Estado de Mato Grosso.

Grandes transformações e profundas contradições vêm marcando acentuadamente a sociedade, e a Educação passa a ser um decodificador dessas transformações. Neste contexto, vários indicadores têm revelado que a Educação vive um processo intenso e rápido de mudanças, o qual pode não ser nada apaziguador, e sim, por vezes, torna-se tortuoso e violento, pensando o termo em distintos aspectos, sobre os diversos ângulos dos conflitos, dramas, cóleras e violência escolar.

Neste estudo, escrito a partir de nossa pesquisa de doutorado, ainda em andamento, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso, buscaremos legitimar sociodramaticamente a importância da expressão de jovens alunos e suas tentativas de resolução dos conflitos e sofrimento. Ressaltamos que esses conflitos e sofrimento necessariamente não nascem no âmbito escolar, no entanto, adentram os portões da escola como uma avalanche, quebrantando educadores e consternando a comunidade escolar.

Nessa perspectiva, entendemos a possibilidade do sociodrama vir a ser uma ferramenta de ação para a educação, como prática de liberdade. A liberdade, que é uma conquista, e não uma doação, exige uma permanente busca. Essa busca só existe no ato responsável de quem a faz. Ninguém tem liberdade para ser livre: pelo contrário, luta por ela precisamente, porque não a tem. Não é também a liberdade um ponto ideal, fora dos homens, ao qual inclusive eles se alienam. Não é ideia que se faça mito. É condição indispensável ao movimento de busca em que estão inscritos os homens como seres inconclusos (FREIRE, 1970, p.14). Assim, este trabalho tem como objetivo apresentar, propor e defender o Sociodrama como um método

Yandra Firmo e Maria da Anunciação Pinheiro Barros Neta

92

para a pesquisa qualitativa em Educação, capaz de propiciar que a interação grupal seja o foco da investigação. Para tanto, pautamo-nos em um método de pesquisa, por meio da ação, que se fundamenta, epistemologicamente, tal qual a Socionomia. A ciência socionomia foi criada por Jacob Levy Moreno em meados do século XX. Essa ciência estuda os grupos e as relações. Seu objeto de estudo principal é a articulação entre o individual e o coletivo. Seu objetivo é a cocriação, ou seja, a criação conjunta que promova as interações humanas capazes de propiciarem bem-estar social. A socionomia tem três ramos interligados, que são: a sociodinâmica, a sociometria e a sociatria nos grupos, nas comunidades e na dimensão relacional. Esse método, surgido a partir da contribuição da teoria do campo de Lewin, privilegia a influência mútua dos participantes para as tomadas de decisões do grupo.

Algumas das funções do pesquisador estão em reconhecer a crise grupal, ingerir para que o coletivo engrandeça seu conhecimento, e contribuir para a compreensão de possíveis resoluções. Barbier fala em uma pesquisa-ação: “pesquisas utilizadas e concebidas como meio de favorecer mudanças intencionais; o pesquisador intervém de modo quase militante no processo, em função de uma mudança cujos fins ele define como a estratégia” (BARBIER, 2002, p.42- 43). Esse mesmo autor, ainda afirma: “O objeto da pesquisa é a elaboração da dialética da ação num processo pessoal e único de reconstrução racional pelo ator social” (BARBIER, 2002, p.59). Esse método foi conclamado e restaurado por Paulo Freire, em sua bibliografia.

O trabalho cotidiano, como professora da educação básica da rede pública de ensino, nos faz acreditar que, mesmo com todas as dificuldades, o jovem aluno, em sua mais nobre intimidade, é um ser de fé e, mesmo aqueles que se esforçam para nos mostrar o contrário, em égide, creem na educação como alternativa e, na escola, como instrumento de mobilidade social, de diferenciação e ascensão para o futuro. Motivados por isso, buscamos entender melhor o que pode estar causando distintos conflitos e movimentos opressores, por vezes muito violentos e coléricos na escola. Para isso, utilizaremos o sociodrama como metodologia de trabalho e pesquisa, lembrando que a nossa é apenas uma leitura, uma proposta, uma possível alternativa. Certamente haverá outras, desenvolvidas e amparadas a partir de outras percepções e experiências. Refletiremos como o sociodrama pode ser uma ação, um processo pedagógico de pequeninas revoluções cotidianas. Pensamos o sociodrama como método para o estudo e compreensão de grupo, de seus integrantes e seus vínculos, trazendo ao centro jovens alunos e suas teias sociais.

Lançando nossos olhos para a história, vemos que esse método surgiu do Teatro Espontâneo. Moreno, quando criou e desenvolveu o Teatro Vienense da Espontaneidade, entre 1921 e 1923, almejava produzir uma revolução no teatro e "oferecer possibilidades ilimitadas para a pesquisa de espontaneidade a nível experimental" (MORENO, 1984, p.19). Ao resgatar a importância da catarse ativa e ética do teatro primordial, foram identificadas quatro propostas de mudanças através do Teatro Vienense da Espontaneidade: "1. Eliminação do dramaturgo e do texto teatral por escrito 2. Participação da audiência: cada um e todos são atores; 3. Atores e plateia são cocriadores; tudo é improvisado - a peça, a ação, o motivo, o diálogo, o encontro e a resolução de conflitos; 4. No lugar do palco tradicional, desponta o palco-espaço, o espaço aberto da vida, a vida mesma" (1984, p. 9). criado por Moreno (1974), no início do século XX. Trata-se de um dos sistemas sociátricos para pesquisar e trazer propostas de transformações aos grupos e às relações intergrupais, seus conflitos e sofrimentos. Podemos defini-lo como um método de ações vívidas, intensas, fortificantes que laboram com primazia as relações intergrupais e ideologias coletivas.

Fundamenta-se na epistemologia socionômica e tem o objetivo de privilegiar a participação dos sujeitos na situação, provocando reflexão, criticidade e tomadas de decisões. Trazemos para este trabalho o pensamento de sociodrama para Moreno (1974: 39-40), que no seu entender, seria "a ciência dos fenômenos sociais em geral" e que destaca os seguintes conceitos: Socionomia é a ciência das leis sociais dividida em três partes: a Sociodinamica, a Sociometria e a Sociatria. Vejamos, detalhadamente, cada uma delas. **1) Sociodinamica:** é a ciência da estrutura dos grupos sociais, isolados ou unidos. Emprega a interpretação de papéis; **2) Sociometria:** se ocupa do estudo matemático das características psicossociais da população, dos métodos experimentais e dos resultados saídos da aplicação de princípios quantitativos. É a ciência da medida do relacionamento humano. Os métodos sociométricos são: o Teste Sociométrico e o Teste Sociométrico de Percepção; **3) Sociatria** (do grego iatreia = terapêutica): é a ciência do tratamento dos sistemas sociais. Os métodos utilizados são, principalmente, a Psicoterapia de Grupo, o Psicodrama, o Sociodrama e o Axiodrama - é um instrumento de intervenção que busca compreender os processos grupais e intervir em uma de suas situações-problema, por meio da ação/ comunicação e expressão de jovens alunos. Segundo Moreno (1975, p. 413-415),

O verdadeiro sujeito do sociodrama é o grupo... Há conflitos nos quais estão envolvidos fatores coletivos... supra individuais... e que têm que ser compreendidos e controlados por meios diferentes... pode-se, na forma de sociodrama, tanto explorar, como tratar, simultaneamente, os conflitos que surgem entre duas ordens culturais distintas e, ao mesmo tempo, pela mesma ação, empreender a mudança de atitude dos membros de uma cultura a respeito dos membros da outra.

Nossos personagens protagônicos são alunos do ensino médio da educação básica da rede estadual de ensino; são jovens que sonham, que amam, que sofreram as dores dos desamores familiares; jovens que, por vezes, perderam o brilho de seus olhos ao verem pais e mães presos; outros por terem testemunhado um adeus à vida violentamente; que sofreram abusos; que transgrediram as regras e hoje têm sua liberdade assistida; que muito cedo descobriram a maternidade; jovens valentes que deixam suas comunidades étnicas para compreender outras culturas; que trazem o frescor da terra em suas mãos; jovens que dizem não acreditar na educação e aqueles que veem nela a única porta aberta; enfim, jovens que se reconstróem e se restauram a cada dia.

O cenário é uma escola modesta. Lá, é possível ouvir o cantar de pássaros regionais, contemplar a imagem da Serra Azul ao redor, marcas de uma construção antiga, sinais que mostram que foi esquecida pelo poder público, de paredes ainda esperando receberem uma bela pintura, um jardim construído pelas mãos vigorosas de aprendizes, um lugar socialmente estigmatizado de violento, de drogadição, de reduto de marginais. O bairro é nicho temido pela comunidade local, porém todos os dias o soar do sino acorda sonhos adormecidos.

Uma cortina que se abre

Tomando do modelo teatral e seus elementos, vislumbram-se, para a cena psicodramática e sociodramática, cinco elementos:

1) Palco ou Cenário: é o espaço delimitado para que ocorram as cenas. Pode ser qualquer lugar, desde que todos saibam que ali é onde a dramatização cênica acontece. Podemos dizer que cenário é um espaço de múltiplas dimensões, que atenderá à necessidade de cada cena. Um traço criado imaginariamente pode ser o que desejarmos, como uma casa, uma escola, um campo ou qualquer lugar que a imaginação grupal chegar. Uma cadeira torna-se qualquer outro objeto como um carro, um trono, uma piscina ou uma muralha; é apenas

indispensável que todos envolvidos adotem os mesmos tratados em relação aos espaços e objetos que estão sendo utilizados.

2) Protagonista: pode ser um indivíduo, dupla ou grupo, é quem representa a si ou o outro. Esse nome é atribuído ao sujeito que aflora, surge para a ação dramática, trazendo simbolicamente as imagens e sensações comuns partilhadas com o grupo, podendo assim representá-lo e possibilitar a dinâmica sociométrica.

3) Diretor/Pesquisador do grupo: é também o diretor sociodramático e ocupa o papel de coordenador do sociodrama; ele está atento a toda informação ou dado que o protagonista e o grupo sugerirem e é ele quem ajuda a fruição de todas as etapas do encontro do aquecimento ao compartilhar. O diretor é um encorajador, vivifica os aquecimentos, específicos e inespecíficos, vigora a sensibilidade para pulsão da dramatização, eleva sua atenção ao protagonista, às emoções, aos presságios e afetos com a plateia e com suas interrelações.

4) Os Egos Auxiliares: são integrantes do grupo que assessoram o diretor e o grupo. Atuam, diretamente, junto à cena ou fora dela, como suporte para que as dramatizações aconteçam. E, por fim,

5) Público: é o grupo. Nesse estudo, constitui-se o grupo de jovens alunos.

Os procedimentos sociodramáticos enfatizam a vivência do drama, ou seja, a dramatização de cenas pelos participantes ou as interações de papéis sociais relativas ao conflito em questão. Podemos dizer que o efeito transformador pedagógico surge da “catarse de integração”. Entende-se por catarse de integração o fenômeno que possibilita a liberação de papéis cristalizados em impressões inadequadas e a consequente facilidade em assumir novas condutas (MENEGAZZO, TOMASINI & ZURETTI, 1995). No espaço para a ação, os papéis sociais tornam-se sociodramáticos, pois os atores vivem uma realidade suplementar propiciadora de um texto único, *in status nascendi*, criado coletivamente. Na realidade suplementar, as interações são de um sujeito-protagonista e de sujeitos, autores e atores de suas vidas em reconstrução; estes reveem papéis e encontram personagens espontâneo-criativos que expressam os estados coconscientes e inconscientes. O pesquisador/mediador tem como objetivo fundamental a cocriação que proporciona a possibilidade de uma nova experiência grupal e intergrupala.

A encenação dos conflitos sociais e políticos leva as pessoas, aqui nossos jovens alunos a cocriarem e a viverem a catarse de integração, numa perspectiva de entendimento e de desenvolvimento social dos papéis sociais que são representados em ação dramática ou na

interação grupal, possibilitando que todos possam ver a cena e busquem uma melhor compreensão e, assim, tragam para o grupo a espontaneidade para uma ressignificação e restauração de novas ações e tomadas de decisões frente a tais enfrentamentos por meio da conscientização. A conscientização é uma categoria freireana que evidencia o processo de formação de uma consciência crítica em relação aos fenômenos da realidade objetiva.

Nesse sentido, a transformação social passa necessariamente pelo desenvolvimento coletivo de uma consciência crítica sobre o real, e, portanto, pela superação das formas de consciência ingênua. É importante que, nesse processo de conscientização, os sujeitos se reconheçam no mundo e com o mundo, havendo a possibilidade de que, na transformação do mundo, transformem a si mesmos. Num sentido político, o conceito de conscientização da qual fala Freire abrange a consciência de classe, como o processo pelo qual as classes desfavorecidas se reconhecem enquanto classe e também reconhecem, na realidade, as relações que as oprimem e as exploram, impedindo-as, conforme termo de Freire, na permanente busca de “ser mais”. É assim que a Educação, sem a qual a transformação não se faz, quando voltada diretamente para uma prática da liberdade inclui, nesse processo, necessariamente, o desenvolvimento de uma consciência crítica em relação à realidade que condiciona os seres humanos socialmente. Nesse sentido, a formação de uma consciência crítica coletiva é a condição fundamental para a transformação, ou seja, a base de sustentação para a produção de uma nova organização social, onde não se negue aos seres humanos a sua razão de existir: a busca constante do vir a ser, ou o ser-mais.

No sociodrama, tecnicamente, o diretor ou mediador sugere que sigam as etapas propostas por Moreno (1974) para que todos os membros do grupo se mobilizem e participem do encontro. As etapas são: 1) aquecimento: fase de preparação dos participantes para ativamente refletirem e vivenciarem os temas a serem tratados; 2) dramatização: etapa do auge da refutação, da discussão ou da vivência por meio de cenas dramáticas representadas pelos atores sociais do grupo. Essa etapa visa à compreensão fenomenológica do conflito e às suas tentativas de desembaraço; 3) compartilhar: momento em que os participantes analisam as repercussões do encontro, as descrições compartilhadas de suas imagens e sensações; 4) processamento teórico: momento em que o diretor faz a leitura socionômica e traz alguns apontamentos por meio de uma compreensão social.

Crê-se que a dramatização traz uma abertura para o estado de espontaneidade criativa pelo qual o protagonista recria sua história e a ressignifica e ou a restaura, distanciando-se dos

processos estereotipados e rotulados que, muitas vezes, são dominantes nos conflitos do cotidiano escolar. Refletimos sobre o conceito de espontaneidade, segundo o olhar de Naffah (1979, p. 60),

A espontaneidade é função do momento presente, ela expressa a relação de compromisso existente entre o sujeito e o mundo, relação esta que é parte presente pois o sujeito é, antes de tudo, um corpo percipiente e agente, uma presença corpórea que participa das contínuas transformações da sociedade. E, nesse sentido, espontaneidade significa antes de tudo, consciência corporal, não aquele tipo de consciência de um corpo estático ou estético, mas a consciência do corpo em ação, do corpo em situação, do corpo comprometido, responsável, capaz de dar uma nova resposta a uma velha pergunta.

Neste momento, cremos que seja importante manifestar sobre o que compreendemos por conflitos, trazendo para o âmbito escolar a partir das palavras de Aquino (1996, p. 07): “há muito, os conflitos deixaram de ser um evento esporádico e particular no cotidiano das escolas brasileiras para se tornarem, talvez, um dos maiores obstáculos pedagógicos dos dias atuais”.

Segundo o Novo Dicionário Aurélio, a definição de conflito é a seguinte: [Do lat. *conflictu*, ‘choque’, ‘embate’, ‘peleja’. 1. Embate dos que lutam. 2. Discussão acompanhada de injúrias e ameaças; desavença. 3. Guerra(1). 4. Luta, combate. 5. Colisão, choque (FERREIRA, 1999)]. Já a partir das mediações de Freire, que nos provoca as reflexões de que estes possam vir a ser: uma desordem social, uma falta de compreensão e respeito sobre o diferente, intolerância e mecanismos opressores, porém estão, nos conflitos, os exercícios dos diálogos. É a partir desta luz, do movimento de passividade e do apontamento de novas possibilidades é que nos apegamos e fomentamos o desejo de transformação por meio das ações sociodramáticas. Para Kellerman (1998), um importante pesquisador do sociodrama, “administração dos conflitos se transforma numa tarefa que é, no mínimo, tão importante quanto ajudar os sobreviventes a lidar com suas experiências traumáticas” (KELLERMAN, 1998, p. 52).

O autor aponta o Sociodrama como um dos recursos do mediador de grupo para essa tarefa e apresenta três tipos de aplicações, que são: o Sociodrama da crise, o político e o da diversidade. O Sociodrama da crise, mote deste estudo, tem o foco social sobre o trauma; a teoria social é a da adaptação e o ideal social é a nossa capacidade de nos mantermos vivos perante as tormentas. Busca-se estimular o grupo para melhor enfrentar as tensões sociais que

afetam as psicológicas e para encontrar um novo equilíbrio social; e é, nesse caminho, que iremos seguir.

O início da estrada

Em uma manhã ensolarada, típica mato-grossense, um aluno em meio ao Círculo de Cultura ¹diz: “Sabe professora, eu queria ver meus companheiros em um mundo de rocha sabe? Uma coisa de futuro!”. Eu o indaguei: “Você acredita que a escola te levará para o futuro?”. O aluno, subitamente, com um riso no canto da boca, respondeu: “Se a gente não se matar antes, pode ser que a gente chegue lá”. E assim, levou a plateia de alunos aos risos. Os sons e as sensações me provocaram nos dias seguintes, até que voltei à mesma sala de aula e lhes propus o primeiro encontro de sociodrama, intitulado “A Estrada”.

Iniciamos o trabalho com um aquecimento corporal; individualmente, cada jovem observava o corpo inerte, depois, por meio de comandos, iniciava uma jornada de experimentos de imagens e sensações corporais. Seguimos com a leitura provocativa do texto reflexivo do dramaturgo e escritor Luidi Pirandello, em que o autor ora melancólico, ora irônico, medita criticamente sobre os caminhos que escolhemos na vida, chamando a atenção para uma frase: “Eu necessito de um ato, apenas um ato que eu me reconhecesse nele!” (PIRANDELLO, 2001, p 25).

Divididos em dois novos grupos, cada jovem trazia para o subgrupo uma história protagônica em sua vida, que representasse um momento de escolha, de um ato, propedêutico e identitário. Um a um, eles foram descrevendo com detalhes suas experiências; uns demonstravam a dor causada pela escolha; outros as alegrias que permeavam suas imagens e sensações; outros traziam tons cômicos; outros trágicos e, assim, todos puderam proclamar

¹ A abordagem de ensino do Círculo de Cultura de Paulo Freire constitui uma ideia que substitui a de ‘turma de alunos’ ou de ‘sala de aula’. A escolha por desenvolver um Círculo de Cultura visa ensejar uma vivência participativa com ênfase no diálogo, campo profícuo para a reflexão-ação na elaboração coletiva de uma proposta sistematizada para uma educação emancipatória. A denominação de Círculo culmina, porque todos estão à volta de uma equipe de trabalho, com um animador de debates que participa de uma atividade comum em que todos se ensinam e aprendem, ao mesmo tempo. A maior qualidade desse grupo é a participação em todos os momentos do diálogo, que é o seu único método de estudo nos círculos. É de cultura, porque os círculos extrapolam o aprendizado individual, produzindo também modos próprios e renovados, solidários e coletivos de reflexão.

uma história. Depois de muita argumentação, cada subgrupo elegeu uma das cenas a serem encenadas. Aqui, retrataremos apenas uma delas, intitulada: “J.P é o cara!”.

O título levava o nome do protagonista da história. A cena nos mostra conflitos sociais e familiares, seguidos de frustrações e discursos encarnados de preconceitos. O jovem de dezesseis anos traz ao público uma cena de revolta e cólera e, assim, embebido de sensação de injustiças sociais, mostra-nos como é fácil ceder ao consumo e ao mercado de entorpecentes e proclama: “Aqui na cidade é o que mais têm para gente como nós, é droga e sexo, nós só vamos ganhar dinheiro aqui assim, o resto é ilusão!”. Ressaltamos que este título endossado pelos alunos, reforça o poder que protagoniza e tudo que a cena representa.

Durante a cena, era possível ver as manifestações da plateia: ora a indignação das falas, ora a identificação imediata com um texto ou ação. A cena seguiu com muita empatia e o término foi recebido com calorosos aplausos aos sons de assovios e gritos eufóricos de aprovação. Um aluno aclama: “É isso mesmo, a vida é assim!”. Outro conclama: “Vai ser assim até morrer”. Deparei-me com o que, para o sociodrama, é a cristalização de papéis:

A cristalização de papel descreve sempre certa marca que – seja pela sua força, extensão ou pelo caráter fechado, excludentes do código que imprimiu na superfície do corpo – fecha o papel numa interpretação que marginaliza quaisquer outras marcas e fluxos que estejam em jogo. O que gera conflito, as forças excluídas buscando espaço e canal de expressão (NAFFAH, 1989, p. 47).

Para Moreno (1974), o conceito de “papel” tem sua inspiração no teatro, a partir da concepção de que o homem é um ser fundamentalmente social e que essa sociabilidade se desdobra para todas as dimensões da vida, o que nos faz sermos seres capazes de nos relacionarmos. Todavia, essas interações só são possíveis por intermédio dos papéis sociais dos quais nos apropriamos e os quais desempenhamos. Tal concepção entende que, o existir humano é um viver em coletividade.

Na dramatização, a situação é vivenciada “como se” fossem os momentos reais da ação, deixando que aflorem emoções, apareçam conflitos reprimidos e que os participantes se sensibilizem nas relações interpessoais. Muitos autores, entre eles Moreno (1974), apostam que a dramatização, vivida por esses sujeitos, pode ser interpretada como uma unidade de conduta inter-relacional observável, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social. A possibilidade do sujeito trafegar entre os papéis, que o representam ou o fazem viver o lugar do outro, pode vir a ser uma forma de

funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos. (MORENO, 1988, p. 79) - é o método por excelência para o autoconhecimento, o resgate da espontaneidade, e a recuperação de condições para relacionamentos interpessoais mais afetivos,

O papel dramático, vivido por estes sujeitos, pode ser interpretado como uma unidade de condutas inter-relacionais observáveis, resultante de elementos constitutivos da singularidade do agente e de sua inserção na vida social. A possibilidade do sujeito trafegar entre os papéis que o representam ou o faz viver o lugar do outro, podem vir a ser uma forma de funcionamento que o indivíduo assume no momento específico em que reage a uma situação específica, na qual outras pessoas ou objetos estão envolvidos (MORENO, 1988, p. 79).

Ao final da cena, questionei por que ele associava seu futuro à drogadição: “Por que tem que ser assim? Você estuda tem tudo para ter uma estrada diferente?”. Ele respondeu: “Isso é o que a senhora acha, mas não é o que vai acontecer, eu já estou marcado”. Apenas para termos um olhar mais profundo, é importante dizermos que o protagonista desta cena é um jovem que tem sua liberdade assistida pela justiça, devido a atos infracionais cometidos em um passado bem recente.

O sociodrama possui o conceito de espontaneidade-criatividade e os papéis sociais como pontos básicos da sua teoria, além de outros que serão abordados brevemente neste trabalho. É possível pensar sobre papéis, a partir das contribuições de Naffah (1989), quando levamos nossos olhos ao encontro do modo como construímos nossas histórias de vida,

Pois o papel, no fundo, nada mais é do que uma armadura invisível que recobre o corpo e o faz funcionar segundo direções predeterminadas, um conjunto de normas, de regras, de prescrições que modela a ação do corpo, operando na sua superfície e a partir das marcas que a história aí inscreveu. Pesquisar a proveniência de certas estruturas e de certas cristalizações de papéis pode significar, pois, trabalhar nessa conjunção entre corpo e história (NAFFAH, 1989, p. 46).

Vamos pensar o trabalho sociodramático como uma oportunidade para que todos influenciem e sejam influenciados mutuamente; e como um método viável para a transformação social, porque privilegia a dimensão relacional que está contida no Sociodrama, possibilitando a investigação sociológica dos sujeitos criadores da história. O Sociodrama é, assim, uma metodologia pedagógica ativa, vivida e traz as significações presentes nas relações; o discurso compartilhado; é um processo dialógico com intensa troca de conteúdos psíquicos, atitudinais e comportamentais, no propósito conjunto de compreender

determinados conflitos. Percebemos um profundo estreitamento entre as concepções sociodramáticas criadas por Moreno (1974) e pelo pensamento Freireano (2005). Para Paulo Freire (2005), a consciência humana se dá no jogo dialético das relações homem-mundo. Relações em que consciência e mundo se dão simultaneamente. De acordo com ele,

Na verdade, não há eu que se constitua sem um não eu. Por sua vez, o não-eu constituinte do eu se constitui na constituição do eu constituído. Desta forma, o mundo constituinte da consciência se torna um mundo da consciência, um percebido objetivo seu, ao qual se intenciona (FREIRE, 2005, p. 81).

Podemos acentuar, nesse momento, a ideia formulada de conscientização, partindo da visão dialética da relação ser humano-mundo, ambos em constante inacabamento. Paulo Freire desenvolveu seu entendimento em relação a uma Educação como Prática de Liberdade. A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa. Sobre a qual nós, mulheres e homens, estamos na constante busca de irmos sempre além, *ser mais*; transformamos a realidade, e os efeitos dessa transformação refletem-se na restauração de nós mesmos. Arriscamos dizer que é isso que Paulo Freire conclama, que será pelo aprofundamento de uma consciência crítica que nós nos conscientizaremos da realidade, sendo capazes de transformá-la, pois a excelência dessa conscientização é o compromisso dos seres humanos com o mundo.

Na cena aqui apresentada, temos a segregação social retratada pelo protagonista, a cristalização de um papel e a *conserva cultural* aceita por outros jovens do grupo. Quando interpelamos o grupo por que havia escolhido tal cena para representá-lo, firmemente asseverou que aquela cena traduzia suas vidas, naquele momento, e que o grupo nela se mirava, contemplava-se nas palavras do jovem. Um dos alunos, seguramente, afirmou,

Nós escolhemos está cena porque têm coisas que são da maioria aqui, todo mundo já passou por preconceito, todo mundo fala mal da gente, todo mundo ou quase todo mundo já foi convidado para usar drogas e muitos não sabem o que irão fazer quando saírem da escola, então a gente sabe que a cena que mais mostrava o grupo era essa (Depoimento de um participante da seção).

Indaguei ao grupo que atitude poderíamos tomar diante de tal cena, quais seriam as tomadas de decisões, em que ato conseguiríamos nos reconhecer, por que era um problema,

agora, grupal, e como poderíamos solucioná-lo? Um jovem pertencente ao outro subgrupo proferiu,

Esse não é um problema desse grupo, isso é um problema de muitos aqui na escola, a gente sabe que tem muitos alunos envolvidos com droga e outras coisas assim, que já foram ‘presos’ e até que já morreram por causa disso, eu acho que tinha que fazer mais coisas com gente, fazer coisas novas, às vezes não sabemos fazer sozinhos, e aí podemos fazer coisas erradas (Depoimento de um participante da seção).

Lancei o desafio para que então apresentassem soluções para tal problema. Uma aluna timidamente expressa,

Professora acho que estamos no caminho, descobrimos que precisamos falar mais sobre isso, mas sem medo, como fizemos hoje, no teatro eu descobri que a gente, eu e meus amigos estamos em um caminho, ou estrada como a gente chamou, muito ruim, e eles falam dessa coisa de ser assim, como se todo mundo aqui nascesse pra ser marginal eu começaria por aí, porque eu não vou ser marginal eu não quero ser marginal, então é disse que a gente tem que conversar, conversando e mostrando que mesmo como a gente é, a gente pode ser uma coisa melhor do que esses marginais, eu gosto de estudar, mas às vezes é difícil sair, porque a gente nem sabe se dá para sair (Depoimento de um participante da seção).

Nessa compreensão de um existir consciente e de uma consciência existenciada, o sociodrama pode vir a fomentar a consciência do mundo. Somente homens e mulheres, como seres “abertos”, são capazes de realizar a complexa operação de, simultaneamente, transformar o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora. E é, enquanto são capazes de tal operação, que implica “tomar distância” do mundo, objetivando-o, que homens e mulheres se fazem seres com o mundo. Sem essa objetivação, mediante a qual igualmente se objetivam, estariam reduzidos a um puro estar no mundo, sem conhecimento de si mesmos nem do mundo” (FREIRE, 2011, p.107) e a consciência de si, e essas consciências maturam juntas e em causa direta; uma é o cerne da outra. Podemos dizer que a relação entre ser mais e fazer o mundo mais humanizado torna o homem mais humano, o corpo mais consciente de si e o homem se conscientiza de seu corpo no mundo. Quando a aluna diz: “a gente pode ser coisa melhor”, ela traz uma afirmação de mundo e para o mundo. Penso que, aqui chegamos ao corpo consciente freireano, que o homem assume ao se comportar frente ao meio que o envolve, transformando-o em mundo humano e se humanizando em meio ao mundo. Assim,

O homem é um corpo consciente. Sua consciência, 'intencionada' ao mundo, é sempre consciência de em permanente despego até a realidade. Daí que seja próprio do homem estar em constantes relações com o mundo. Relações que a subjetividade, toma corpo na objetividade, constitui, com esta, uma unidade dialética, onde se gera um conhecer solidário com o agir e vice-versa. Por isto mesmo é que as explicações unilateralmente subjetivistas e objetivista, que rompem esta dialetização, dicotomizando o indicotomizável, não são capazes de compreendê-lo (FREIRE, 2014, p. 51).

Acreditamos que a prática sociodramática no fazer pedagógico vai ao encontro do pensamento freireano, quando coloca uma questão a respeito da prática educativa; não como algo a ser "doado", mas como uma forma de nós seres humanos, homens e mulheres, apropriarmos-nos, de modo consciente, dialógico, com a particular realidade, para assim podermos partir de nossas experiências e sermos capazes de, com força intensa e tenaz, restaurá-la.

Uma herança cultural

Depois das cenas apresentadas, passamos para as etapas seguintes do sociodrama, como o compartilhar e o processamento do encontro, a busca da compreensão de tudo que foi manifesto. Como educadora, pesquisadora e diretora do sociodrama, apreendíamos as falas proferidas como um retrato perspicaz e vivo da herança cultural que embebe a vida desses jovens. Um aluno, com muita firmeza em seu discurso, asseverou: “professora não tem muito o que fazer, todo mundo aqui já acredita que a vida é essa mesmo, quando a gente fala que vai ser outra coisa, eles riem da gente”.

Entre os conceitos do sociodrama, creio ser importante e significativo abordar o conceito de Matriz de Identidade, pois nos proporciona um melhor entendimento sobre os discursos impregnados nesses jovens. Também nos leva a pensar sobre o poder familiar e o poder dos outros grupos aos quais os alunos pertencem ou se sentem pertencer.

Para Moreno (1974), a matriz de identidade pode ser figurada como “a placenta social” (MORENO, 1975). A sua função é a de transmitir a herança cultural do grupo a que pertence o indivíduo e da preparação para sua posterior incorporação na sociedade.

Ainda, segundo o autor, o conceito de identidade, por sua vez, deve ser tomado em dois níveis, ambos descrevendo um fenômeno de natureza relacional. O primeiro deles diz respeito à relação de um indivíduo com um grupo. Ou seja, quando alguém pertence a um

grupo, traz em si a marca desse pertencer. Esse sinal o identifica, tanto nas transações com seus pares quanto naquelas que empreende com terceiros, membros de outros grupos (AGUIAR, 1990, p.197). O segundo nível está ligado à relação de múltiplos sentidos de pertença de um dado indivíduo. Em ambos os casos, temos configurações abertas e dinâmicas em que “a identidade, embora mantenha alguns aspectos relativamente constantes, está em permanente evolução” (AGUIAR, 1990, p.197).

Nas falas dos jovens, protagonistas deste estudo, é possível perceber o quanto estamos distantes de uma educação libertadora; cremos ser necessário lembrar os pensamentos de Paulo Freire, uma questão fundamental para uma educação progressista, a presença do diálogo. O diálogo é conceito-chave e prática essencial na concepção freireana.

Para ainda não findar trilhos, mas cerzir palavras.

Podemos dizer que o sociodrama ajuda a desvelar os mitos que enganam grande parte da população; e isso já é, em si, uma postura política de cunho dialógico, emancipador e libertador, como também de desconstrução da estrutura dominante de opressão, classificação e exclusão social. Pensamos que este pode vir a ser um poderoso método de pesquisa para as Ciências da Educação, pois não só nos apresenta dados, como possibilita transformações profundas, a partir de sua ação.

Com base nos pressupostos ideológicos de uma educação libertadora e em diversas possibilidades do sociodrama, compreendemos que o resultado do processo de conscientização pode vir a ser uma porta para a libertação desses jovens, pois, na medida em que eles questionam, refletem e atuam criticamente sobre a sociedade, seja no campo dramático de ficção ou na mais nobre realidade, podem não somente restaurá-la, mas estarão também restaurando-se, libertando-se. Concordamos com Freire ao afirmar que “quanto mais refletir sobre a realidade, sobre sua situação concreta, mais emerge, plenamente consciente, comprometido, pronto a intervir na realidade para mudá-la” (FREIRE, 1996, p. 19).

Chegamos ao fim deste trabalho tentando uma Educação Libertadora para nossos jovens alunos, mas cremos que essa liberdade necessita também da intrepidez de seus educadores, pois, como Paulo Freire expressa, a escola deve ser um lugar de laboro, de

diálogo, de aprendizagem. Um lugar em que a convivência permita estar continuamente se superando, porque a escola é o espaço privilegiado para pensar.

Compartilhamos tal pensamento, e ainda, que não seja a educação que forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade (FREIRE, 2011, p.30). Reconhecendo a presença do oprimido e do opressor, convida-nos a essa libertação, inicialmente pela libertação do opressor que reside em cada um, para então conseguirmos, pela prática popular, libertar a todos nós. Cremos que nossos jovens possam sonhar mais por meio das vivências sociodramáticas, que seus corpos, historiadores que são, imprimam histórias de prazer e alegria para que a vida seja forte, porém, emancipadora em suas imagens e sensações.

Referências

AGUIAR, Moysés. **O teatro terapêutico**. escritos psicodramáticos. Campinas: Papyrus, 1990.

AQUINO, Julio Groppa (Org.). **Indisciplina na escola** – alternativas teóricas e práticas, 4. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

ALMEIDA, Wilson Castelo. **Grupos, a proposta do psicodrama**. São Paulo: Àgora, 1999.

BARBIER, René. **A Pesquisa Ação**. Brasília: Líber Livro, 2002.

DAMO, VELEDA MOURA y GAUTERIO CRUZ. **Conscientização em Paulo Freire: consciência, transformação e liberdade**, em Contribuciones a las Ciencias Sociales, enero, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Eletrônico Aurélio Século XXI**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira e Lexikon Informática, 1999. Versão 3.0. 1 CD-ROM.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade e outros escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

_____. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

KELLERMANN Peter Felix. **O Psicodrama em Foco**. São Paulo: Agora, 1998.

MORENO, Jacob Levy. **Psicodrama**. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. **Psicoterapia de grupo e psicodrama**. Campinas, SP: Psy, 1975.

MORENO, J. L. **O Teatro da Espontaneidade**. São Paulo: Summus, 1984.

NAFFAH, Alfredo. **Descolonizando o imaginário**. São Paulo: Plexus, 1979.

PIRANDELLO, Luigi. **Um nenhum ou cem mil**, São Paulo: Cosac&Naify, 2001.

Recebido em: **28/09/2016**

Aprovado em: **15/02/2018**

Publicado em: **01/01/2019**

Yandra Firmo e Maria da Anunciação Pinheiro Barros Neta

107